

Relatório de uma expedição científica  
do Centro de Documentação, HSAI, 1963 vol 3 ...

(FUNAI)  
Processo nº 3528/75  
fol. 26.

CEDI - P. I. B.  
DATA 20 05 86  
COD. AM D. 02

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO Índio

RELATÓRIO SOBRE A TRIBO AMANAYÉ  
- ÁREA CULTURAL : PINDARÉ - GURUPI -

Índios Amanayé

I LÍNGUA, TERRITÓRIO E HISTÓRIA

Os nomes amanajó, manajó e manayó eram usados no MA, no Piauí e no baixo Tocantins; manazeva no Pará. Manayé é como lhe chamavam os Turiwara e Manazeva os Tembé. Se auto-denominavam manayé ou Amanayé, nome de significado incerto que pode ser guaraní: amândayé, uma "associação de pessoas" ou amanajé "alcoviteiro" (Platzmann, 1896).

Alguns grupos assumiram o nome Ararandewá (Ararandewára, Ararandeuara), "aqueles do rio Ararandeuá" e Turiva, o nome de uma tribo vizinha, com o objetivo de esconder sua identidade, devido as sequentes guerras inter-tribais e para fugir à perseguição de seus vizinhos.

Sobre a língua Amanayé foram publicados somente 2 pequenos vocabulários, ambos em 1914: O vocabulário publicado Lange e outro por Kivundajú. É o mais distinto de todos os dialetos Tupi do grupo Gê. Pelo que se pode concluir, dos vocabulários, não há diferença na gramática.

Os Amanayé sempre ocuparam a parte alta do Pindaré, o Gurupi, o rio Capim, a parte central do rio mojú e da margem direita do baixo Tocantins, abaixo da boca do Araguaia, e raramente eram encontrados longe desta região. (Latitude 4º sul, longitude 48º oeste).

A LOCALIZAÇÃO

1755 - São mencionados pela primeira vez por ocasião do acordo com o padre jesuíta Daniel Fay (Tay? Fay?) de uma aldeia Guajajara (Acará) do rio Pindaré. Era evidente que eles já tinham tido contato com brancos anteriormente, posto que os evitavam, abrindo exceção aos jesuítas.

1760 - De acordo com Ribeiro Sampaio (1912 pag. 9), uma grande parte dos amanayé mudaram-se pacificamente a sudeste do rio Alpercatos e se estabeleceram -

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO

- ram perto da vila de Santo Antonio. Pelo ano de 1815 haviam somente 20 índios desse grupo e eles estavam mestiçados com sangue negro. A última menção a esta aldeia foi em 1820 (Francisco de N.Sra. dos Prazeres, 1821 pag. 132).
- 1763 - Parte desse grupo continua sua migração através do rio Parnaíba para dentro do Piauí (Alencastre, 1857 p.c.) mas os fatos subsequentes são desconhecidos.
- 1775 - Os "amanajós" estão listados entre as tribos do baixo Tocantins (Ribeiro Sampaio, 1812 pag. 8.9)
- 1798 - Foram vistos a leste do rio Surubiju (Mendes de Almeida n.d. pag. 104)
- 1845 - Os "Amananiu" foram mencionados como habitantes de parte do Rio Mojú por Saint-Adolphé.
- 1854 - Tinham uma aldeia no rio Pindaré acima da aldeia Guajajara de Sapucaia (Marques, 1864) ; mas por volta de 1872 a aldeia foi removida para Tucumandua um tributário ocidental do rio Gurupi. (Dodt 1873, pag. 132)
- 1862 - Os amanayé tinham duas aldeias com 60 pessoas no Rio Ararandêua, tributário ocidental do rio Capim, o qual foi seu centro posteriormente.
- 1872 - Frei Cândido de Heremence, começou a converter os amanayé, os Tembé, e os Turivena do Turivena do rio Capim. Com 200 amanayé ele fundou a missão Anauerá (São Fidelis) na margem esquerda do rio Capim) abaixo da confluência dos rios Ararandêua e Surubiju. Os Turiveua e Tembé sendo hostis aos amanayé foram estabelecidos juntos, mais para baixo do rio.
- (No relatório do Pe. Frei Cândido de Heremence in Capuchinos em terras de Santa Cruz Pe. Frei Fidelis M. de Primerio y Frei M. Cappui. pag 334, A referência da Fundação

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO

da missão de São Fidelis só se refere aos Tembé e cita o número de pessoas como sendo 400.

Coincide com o relatório do mesmo in Os missionários Capuchinos no Brasil - Pe. Frei Modesto Rezende de Taubaté y Frei Fidelis Motta de Primerio). Em nossa opinião o fato de só de mencionar a tribo dos Tembé nas missões deve-se ao fato da confusão gerada pela identidade de hábitos e costumes entre os Tembé, Turiwara e Amanayé.

- 1873 - Os Amanayé mataram o Frei Cândido e o Engenheiro belga Alberto Blochausen (porque este os havia tratado cruelmente e injuriado o filho do Chefe) (Souza Franco, 1842 pag. 22; Cruz 1874 pag. 47 ; Moreira, Pinto, 1894; Nimuendajú - notas impúblicas). No mesmo relatório do Frei Cândido de Heremence, ele citava: "Um dia, em dezembro de 1872, subia em companhia de alguns índios e camaradas, em viagem de exploração, pelo rio Surubijú, em companhia do Engenheiro belga Alberto Blochausen. Em um dos pousos foram agredidos. Ele caiu morto, varado por 5 balas. Não se sabe se foram os índios de outras tribos ou se foram os da mesma tribo, ou se foram civilizados os que o assassinaram". Revanches contra os amanayé por estas mortes fizeram com que eles se refugassem na região do rio Ararandeuá. Hoje em dia alguns deles ainda evitam contato com os civilizados. Outros apareceram mais tarde sob o nome Ararandewara ou Turiwara para esconder sua identidade.
- 1889 - Os sobreviventes anambé e amanajó das epidemias do Arapary, passaram a morar as margens do rio Tocantins.
- 1911 - O inspetor L.E.Horta Barboza do SPI encontrou 4 vilas Amanayé com mais de 300 habitantes na margem esquerda do rio Ararandiwara.
- 1913 - Outra parte mais primitiva da tribo se autodenominando Ararandewara foi visitada por Algot Lange em parte alta do rio Hoju, aproximadamente latitude 4º S. (Lange, 1914)

Durante muitas décadas, no fim de séc. XIX e Sc

Doc. n. 3528/75  
FLS. 25  
BUENOS AIRES

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO

começo do séc. XX, a pessoa mais importante entre os Amanayé do rio Ararandeuá era uma mulher mulata de nome Damasia, esposa de um membro da tribo.

1926 - Nimuendajú viu um pequeno grupo de Amanayé que se autodenominava Ararandewara em mundurucu na Latitude 3º 55' S. Eles tinham uma plantação no rio Mojú.

1942 - Somente 17 pessoas a maioria mestiços sobreviveram no grupo chefiado pelo filho de Damasia (arquivos da Inspeção do S.P.I., Pará, 1942). Essas pessoas afirmaram que outro grupo vivia isolado de qualquer contato com a civilização, no Igarapé do Garrafão, tributário da margem esquerda do rio Ararandeuá.

1943 - Nimuendajú achou um pequeno grupo de amanayé que tinham estado vivendo por décadas em contato com os novos brasileiros no Alto Cauari, tributário da margem esquerda do baixo Moju, Se autodenominavam Turiwara.

*contatos com  
Turiwara  
do Cauari*

B. CULTURA

1) ASPECTO FÍSICO - A diferença cultural entre os Amanayé e Tembé é pouca, embora se distinguam pela fisionomia devendo-se notar que a cor dos amanayé é mais clara que a dos Tembé, que já é clara, de sorte que os amanayé são quase brancos e encontram-se entre eles pessoas de olhos azuis. (Dodt 1939 pag. 178)

2) SUBSISTÊNCIA - Os Amanayé cultivavam mandioca, algodão e tabaco em clareiras da floresta. Também caçavam especialmente tartarugas que eram abundantes. As que não eram consumidas eram postas em currais. Cachorros e galinhas foram introduzidos pelo homem branco.

PRO... 3528/75  
FLA. 30  
RUBRICA. *[assinatura]*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

- 3) MORADIA - A aldeia Amanayé visitada por Lange tinha 26 casas de baixa qualidade, construída em redor de uma pequena clareira. A única mó-  
bília eram pequenas redes de algodão. Dodt, em sua incursão em 1873 constatou que tan-  
to os Amanayé quanto os Timbira não se da-  
vam trabalho com suas casas, que eram ape-  
nas ranchos cobertos de palha, onde se a-  
brigavam durante a estação das chuvas, en-  
quanto o resto do ano viviam na mata de -  
baixo das árvores.
- 4) VESTIMENTA - Uso de tangas de algodão para os ho -  
mens e as mulheres uma faixa estreita fei-  
ta de lã de carneiro. Os enfeites eram  
compostos por ornamentos labiais, pluma -  
gem e faixas trançadas de algodão que e -  
ram amarradas nos tornozelos e joelhos.
- 5) BARCOS - Canoas feitas de casca de árvore de mais  
ou menos 10 metros de comprimento por  
1,5 m de largura.
- 6) MANUFATURAS - O espremeedor de mandioca era trançado  
com fibra de Tucum e palma de meriti. O  
tear era composto por uma moldura quadra-  
da feita de 4 varetas de madeira (de mais  
ou menos 60 cm), presos um ao outro com  
fibra ou cipó para formar o quadrado. (Lan-  
ge 1914). Pano, como do que eram feitas as  
redes, eram de um trançado largo, geral -  
mente pintados com ~~um~~ urucu vermelho. A  
única cerâmica mencionada é a panela de  
barro da mandioca.
- 7) ARMAS - Grandes arcos (de mais ou menos 2,4 mts .  
de comprimento e 10 cm de diâmetro) pre-  
sos as pontas pela fibra de curauá. As ex-  
tremidades das flechas eram encobertas ou  
com folhas de bamba ou com varinhas a -  
fiadas. Ocasionalmente, uma pequena noz  
que produzia um assobio era serrada per-  
to da ponta. A plumagem das flechas era  
ou do tipo xinguano ou do tipo leste bra-  
sileiro. Machados de pedra usados até re-

PROC. N. 3528/75  
 FLS. 31  
 RUBRICA *Ø*

-5-

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

centemente tinham cabeças de diorite. A cabeça era recoberta com fibras pesadas que lhe firmava e então recobertas com a rezina preta da árvore jutahí.

- 8) INSTRUMENTOS MUSICAIS - Os amanayé usavam um tambor exótico nessa área: um longo tronco oco de embauba era suspenso horizontalmente com cipós. Enquanto um homem batia no tambor, um outro, provavelmente o Xamam dançava em redor dele

As informações contidas nesse relatório são, em sua maioria, do livro HandBook of South American Indians vol.3, na sua descrição sobre os Amanayé escrita por Curt Nimuendajú e Alfred Métraux.

A precariedade de informações sobre a tribo é total, sendo que na maior parte das vezes em que seu nome é citado, trata-se de simples menções à localização.

Sabe-se da existência de relatório sobre os Amanayé escrito por Curt Nimuendajú, mas esse documento não foi publicado e faz parte do Arquivo do Museu Nacional. Devido às dificuldades encontradas na sua localização, não nos foi possível consultá-lo.

Outros autores, ora citados no HandBook ou na bibliografia indicada por Gama Malcher, também foram de difícil acesso devido ao fato de serem estas publicações muito antigas.

Podemos contar com uma pequena ajuda dos relatórios dos missionários capuchinhos, que embora não citassem textualmente a tribo, referiam-se à missão de S. Fidelis, fundada com estes.

*Lucy Paixão Linhares*

LUCY PAIXÃO LINHARES

*Maria Auxiliadora Aires Moreira*

MARIA AUXILIADORA AIRES MOREIRA

Estagiárias de Etnologia do Museu do Índio

3528/35  
32  
CP

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO

BIBLIOGRAFIA

- 1) Nimuendajú, Curt e Métraux Alfred in HandBook of South American Indians - Washington 1948 - Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, vol 3 - pag 199 - 202
- 2) Platzmann, Julio - 1896 - O Dicionário Anônimo da Língua Geral do Brasil
- 3) Ribeiro, O E Sampaio - 1812 - Roteiro da viagem da cidade do Pará até as ultimas colonias do domínio português em o rio Amazonas e Negro - Coleção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas, vol. 1 nº 4 - Lisboa
- 4) Francisco de nuestra Señora dos Prazeres - 1891 - Paranduba Maranhense. Revista Instituto Histórico, vol 54 nt 1 pag 92-77 - Rio de Janeiro
- 5) Alencastre, João Martins Pereira D' - 1857 - Memoria Cronológica, histórica e corográfica da Provincia do Piauí Revista Instituto Histórico, vol 20 pp 5-164
- 6) Mendes de Almeida, Cândido - n.d. O Tury-assu - Rio de Janeiro
- 7) Dodt, Gustavo Luís Guilherme - 1873 - Descrições dos rios Parnaíba e Gurupi - Maranhão (Later edition pub. in 1939 in São Paulo and Rio de Janeiro)
- 8) Souza Franco, Bernardo de - 1842 - Fala dirigida à Assembleia Legislativa Provincial. 14 de abril de 1842
- 9) Cruz, Guilherme Francisco da - 1874 - Relatório com que ... passou a Administração do Pará ao Exmo Sr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo. 17 de janeiro de 1874 - Pará
- 10) Moreira Pinto, Alfredo - 1894 - Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil. "Anambé", vol 1 - Rio de Janeiro
- 11) Lange, Algot - 1914 - The Lower Amazon  
New York and London
- 12) Arquivos da Inspeção do S.P.I.  
Pará, 1942
- 13) Expedito Arnaud e Eduardo Galvão  
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Belém-Pará, setembro 1964

3528/75  
33  
-8-

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

- 14) Pde Frei Modesto Rezende de Taubaté y Frei Fidelis Motta de  
Primerio  
Os missionários capuchinhos no Brasil  
Relatório do Padre Frei Cândido de Heremence
- 15) Pde Frei Fidelis M. de Primerio y  
Frei M. Cappuc  
Capuchinhos em terras de Santa Cruz  
pag 334